

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Journal do Brasil

Class.: 02

Data: 07.03.72

Pg.: \_\_\_\_\_

**Botocudo, guarani, cafuso e xokleng disputam roupa e comida em Santa Catarina**

*Florianópolis (Correspondente)* — Trinta e seis estudantes e seis professores do curso clássico do Instituto de Educação de Florianópolis, visitaram o núcleo indígena de Ibirama, vale do Itajaí, onde distribuíram vários pacotes de remédios, roupas e mantimentos, disputados pelos 800 índios.

Para eles, foi uma boa experiência, uma fonte para um estudo da Sociologia, e uma dura constatação das condições sub-humanas em que vivem os silvícolas, remanescentes de tribos dos botocudos, guaranis, cafusos e xoklengs. Para o professor Sílvio Coelho dos Santos, diretor do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, foi apenas mais uma atitude paternalista, como é paternalista a assistência dada pela Funai, que, segundo ele, "não leva a nada."

**SOBREVIVÊNCIA**

No posto de Ibirama, sem assistência médico-odontológica, sem posto escolar, sem igreja e sem um assistente social, o responsável, Francisco Tavares, botou as mãos na cabeça e desabafou: "graças a Deus, nós já estávamos com as prateleiras vazias", quando os estudantes e professores chegaram com seus presentes e a sua curiosidade didática.

Depois de recorrerem ao posto e observarem a vida dos índios, esta curiosidade didática transformou-se num desabafo tão sincero quanto o de Francisco Tavares. Um estudante, após distribuir roupas e mantimentos, disse que não sabia "se estava feliz pela satisfação da entrega, ou horrorizado com as necessidades dos silvícolas." De qualquer maneira, ele tinha certeza apenas de que sentira uma sensação estranha, tão estranha para ele quanto a quase guerra que os índios formaram na disputa dos presentes.

No plano didático, para a disciplina de sociologia, os estudantes constataram fatos que na história do índio brasileiro tornaram-se corriqueiros e repetidos em todas as regiões por onde eles se espalham, protegidos pela Funai: trabalham numa agricultura muito rudimentar, apenas para o consumo familiar, ficando para os mais idosos a fabricação de arcos e flechas que os eventuais turistas compram por preços que variam de Cr\$ 3 a Cr\$ 10,00.

Os índios de Ibirama desconhecem sua história e qualquer fato ligado a seus antepassados.

**PROJETO**

"Impressionante e generalizante" foram os qualificativos dados pelo professor Sílvio Coelho dos Santos ao trabalho feito pelos alunos e professores do Instituto de Educação. Para o diretor do Museu Antropológico, o problema do índio

tem implicações mais profundas que só poderão ser resolvidas com um "estudo de fôlego, que leve à plena explicação da atual realidade e suas causas."

Este trabalho estaria sendo feito pela Universidade Federal de Santa Catarina, através de um projeto de pesquisas relacionado com os índios. O próprio interesse dos estudantes pelo posto indígena de Ibirama seria consequência deste trabalho, cujas soluções e proposições são periodicamente publicados.

Este projeto formulou um programa de ação indigenista no Estado, para ser desenvolvido inicialmente entre os índios de Ibirama. A Funai foi identificada e manifestou interesse em firmar convênio para a sua implantação. Para o antropólogo, "resta aguardar que o órgão tenha sensibilidade suficiente para aproveitar o potencial representado pela UFSC e assim partir para uma ação mais eficaz e humana."

Ao mesmo tempo em que espera que a Funai tenha "sensibilidade suficiente", o professor Sílvio Coelho dos Santos faz críticas ao próprio órgão governamental, que "ainda não se armou o suficiente com os instrumentos que a ciência pode oferecer, pois dispõe de pouquíssimos servidores com formação em Ciências Sociais."

Além das limitações orçamentárias da Funai, o professor aponta como um dos problemas que afetam os índios brasileiros a própria ignorância das populações interiores. Finalmente, critica a assistência "paternalista da Funai, que não leva a nada." Como exemplo, cita o caso dos postos de Ibirama e de Xanxerê, onde a Fundação distribui auxílios em forma de sementes, ferramentas e medicamentos "só quando existem." Alimentos, apenas "em casos extremos."